

A ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA NO QUADRO MUNDIAL

Ten-Cel JOSÉ DE SÁ MARTINS
Oficial de EM

1. Introdução

Falar da estratégia revolucionária no quadro mundial é tratar da estratégia que a União Soviética segue para conquistar o domínio do mundo.

A União Soviética é, em realidade, um Estado imperialista; o seu programa de expansão conta com a colaboração dos Partidos Comunistas de todos os países.

Todo triunfo da União Soviética é triunfo do comunismo internacional; toda vitória do comunismo internacional também o é da União Soviética.

2. As causas

A atual estratégia seguida pela URSS leva em conta vários fatores, e é produto, basicamente, de duas causas que se conjugam harmoniosamente para o mesmo fim.

No pan-eslavismo está a primeira dessas causas; é muito antiga a aspiração de domínio do mundo por parte dos povos eslavos.

A história nos mostra como Moscou, desde há muitos anos busca expandir seus domínios e sua influência.

A Europa Ocidental foi sempre o grande objetivo consignado nos planos dos homens do Kremlin. As dificuldades do aproveitamento da continuidade territorial, sugeriram o desdobramento via mar Mediterrâneo. A Turquia foi o grande obstáculo encontrado desde o início.

Mais tarde os eslavos resolveram mudar as suas direções de atuação. Orientaram-se então sobre a Ásia, pensando em depois atingir o continente africano.

A ação sobre a Ásia e África visava a destruição do domínio colonial dos países europeus. Com isso esperava a Rússia afetar a economia daqueles países, levá-los ao debacle nesse terreno, e então submetê-los à sua vontade.

Nota da Redação — Palestra pronunciada no Estágio de "Noções básicas de Guerra Revolucionária e Anticomunismo", realizado no EME.

A distância a que nos encontramos do continente asiático, e as dificuldades de comunicações, ainda hoje existentes, com muitas das suas partes, fazem com que sejam para nós, em geral, pouco conhecidos os tumultos que ali têm ocorrido, desde o início da ação russa. Por isso, ignoramos, que no século passado, o Tibete teve dificuldades resultantes da ação da Rússia Tzarista.

A conquista da Índia sempre pareceu ao Kremlim muito importante para a consecução dos seus objetivos.

A outra causa da atual estratégia soviética está no caráter da revolução russa de 1917.

Apesar da nossa oposição ao comunismo, pelos seus aspectos materialistas e ditatoriais, devemos reconhecer que a revolução russa de 1917 representa um marco na história da humanidade. Ela tem termos de comparação com aquela que levou à guilhotina a realeza da França, e nos legou os princípios de Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Aconteceu na Rússia, por força da concorrência naquele país de fatores que, sem dúvida, a explicaram, e talvez justificaram, da mesma forma que a revolução francesa foi francesa porque encontrou na França solo propício para sua germinação.

A ilação que queremos tirar, do paralelo entre as duas grandes revoluções, refere-se à presença do conteúdo ideológico, e à formação de ditaduras de opressão, aspectos comuns nas duas.

Esses fatores, o conteúdo ideológico e a ditadura, implicam em necessidade de defesa interna e externa da revolução.

O General Dumouriez a princípio protegeu as fronteiras da França de dentro do seu território. Depois as cruzou, num gesto apresentado como simbólico, para criar, em torno da França, uma "zona de segurança", não com a anexação de territórios, dizia-se, mas com o estabelecimento de um cinturão de Estados amigos e independentes. E a Convenção francesa declarava estar disposta a, em nome da fraternidade, "dar socorro a todos os povos que desejassem liberdade". Sabemos como a França acabou por impor governantes.

Como a francesa, a revolução russa tinha de ser defendida com o terror internamente, com a defesa das fronteiras do país além delas se necessário e possível. Afinal, a filosofia que a inspirara também não era de fácil aceitação. Por isso, tropas francesas, inglesas e norte-americanas, e outras, invadiram a Rússia para ajudar os "russos brancos" na contra-revolução. O cansaço da guerra, e a debacle dos "russos brancos", fizeram com que elas se retirassem. Mais claro ficou para os novos dirigentes russos, a necessidade da criação de sua "zona de segurança".

As liberdades já existentes na Europa, e os meios de comunicações mais desenvolvidos, explicam porque, ao contrário da revolução francesa, tinha a russa adeptos em todos os países, os quais acolheram e cooperaram com os agentes de Moscou, vindos para, pelo menos, criar um clima que assegurasse a Lenine o tempo de que necessitava para consolidar o novo regime.

Vale registrar que, uma vez no poder, passaram os comunistas a agir exatamente ao contrário do que tinham pregado. Falaram no direito dos povos em disporem de si mesmos, mas se opuseram, decididamente, à ação de forças centrífugas do sentimento nacionalista dos povos que pretenderam se despregar da velha Rússia. Por isso, a União Soviética ficou praticamente com as mesmas fronteiras da Rússia Tzarista, não tendo conseguido manter sob seus domínios os Estados bálticos, a Polónia e outras áreas, o que tentara.

Progressivamente, foi a União Soviética retomando o sentido expansionista que caracterizava a Rússia dos Tzares.

Até 1931 lia-se na Pequena Enciclopédia Soviética a respeito de guerras coloniais: "As campanhas do exército russo no Cáucaso, na Ásia Central e no Extremo-Oriente pertencem ao tipo de guerras coloniais". Esse conceito foi retirado a partir desse ano.

Existem muitas razões que justificam a afirmativa feita pelo Primeiro-Ministro do Ceilão, na Conferência dos povos afro-asiáticos em Bandoeng, a 21 de abril de 1955, quando disse que surgira no mundo um novo tipo de colonialismo: o colonialismo soviético.

É de se admitir, que a idéia da propagação do comunismo foi encarada com carinho pelos povos eslavos, no seu sonho de dominação do mundo.

3. As bases

Discutidas, embora de modo muito sumário, as causas do sentido expansionista soviético, vejamos, ainda dentro do mesmo critério, os principais fatores que a estratégia de Moscou leva em consideração.

Reunimos esses fatores em dois grupos, um de caráter geográfico e outro psico-social.

No primeiro grupo poderemos buscar teorias geopolíticas, e logo nos ocorrem a do "coração do mundo" e do valor do Poder Marítimo. Essa lembrança se justifica, pela consideração de que "o coração do mundo" está situado dentro dos limites da União Soviética, e o Poder Marítimo, de que ela não dispõe, parece ter provado, em todos os tempos, o seu significado.

Tenhamos em conta que as terras da URSS são realmente ricas, sobretudo em recursos minerais, o que não ocorre com a maioria dos países do Ocidente. Os recursos minerais desses são em geral limitados, e por isso, carecem eles da necessidade de obtê-los em outras áreas, geralmente sujeitas a outras soberanias.

Assim é, por exemplo, o caso do petróleo. É do Oriente-Médio que sai o ouro-negro que atende o grosso da demanda da Europa Central e das Américas.

Daí, fácil é compreender o significado de certas áreas do globo terrestre, como é o caso do Oriente-Médio, e de determinadas regiões de passagem, tais como os canais de Suez e Panamá, Gibraltar, a ligação entre o mar Índico e o Pacífico, e a linha Bósforo-mar de Marmara-Dardanelos.

A esses fatores de ordem geográfica, é lícito adicionar observação de que os progressos técnico-científicos reduziram as distâncias, pela ampliação do alcance das armas balísticas.

No grupo psico-social, devemos em primeiro plano alinhar o cansaço de uma geração atingida por duas guerras mundiais, seja porque as viveu, seja porque delas recebeu o saldo negativo de recordações ou dificuldades de vida que geraram. Como corolário, devemos adicionar o terror da destruição criado pela descoberta e constante aperfeiçoamento das armas nucleares. O resultado é um generalizado anseio de paz por parte de todos os homens.

A esse grupo, pertencem as aspirações de liberdade, e desenvolvimento que vêm acionando todos os povos, em todas as partes do mundo. O alastramento da guerra por todos os quadrantes, as idéias em nome das quais se sofreu e lutou, o contato dos povos, e os progressos da tecnologia, constituem as causas determinantes do surgimento em intensidade daquelas aspirações.

Daí as explosões de nacionalismo e revoltas anticoloniais, em força e intensidade nunca vistas.

Parece desnecessário dar ênfase a que, esses fatores do grupo psico-social são perfeitamente naturais e justos.

É adequado e oportuno, incluímos entre as bases da atual estratégia revolucionária no quadro mundial, um comentário sobre a 2ª grande guerra. Isso porque, foi ela que rompeu barreiras que limitavam, ou dificultavam, a ação expansionista soviética, e o seu resultado, para essa ação, precisou direções, intensidade de esforços a desenvolver, e armas a explorar.

Este comentário, não pode deixar de consignar o papel que a Alemanha tem desempenhado nos destinos do comunismo internacional.

Marx e Engels eram alemães. Os alemães incentivaram a revolução russa de 1917, para debilitar os exércitos czaristas, chegando, inclusive, a proporcionar facilidades a Lenine para que ele entrasse no território russo.

Se a 1ª grande guerra acelerou o processo revolucionário russo, a 2ª colaborou decisivamente para o espraiamento pelo mundo da doutrina comunista.

É interessante registrar, que esse segundo conflito foi gerado pelo desenvolvimento na Alemanha do nacional-socialismo de Hitler, doutrina que impediu a comunização daquele país, o que todos sabemos teve muitas possibilidades de ocorrer antes do nazismo tomar o poder. É curioso constatar que, por seus objetivos anticomunistas, recebeu o fascismo germânico apoio de vários países que temiam a implantação do comunismo no centro da Europa, e esses mesmos países acabaram por se unir à União Soviética para destruir a Alemanha hitlerista.

Todos lembramos como Berlim sonhou com o domínio do mundo. Ficaram famosas as suas 5ª colunas, os partidos fascistas espalhados por todos os países.

Era uma doutrina, totalitária como a comunista, a serviço de uma aspiração de hegemonia.

Recordemos o Pacto de Não-agressão entre a Alemanha e a URSS, e o acordo entre elas sobre a divisão da Polônia. Assim procedendo, estaremos sentindo uma convivência comunista com o desencadeamento da tragédia que iria enlutar todo o mundo.

Esses fatos, e outros mais, têm permitido a impressão de que houve realmente influências do Kremlin atuando no processo que determinou o 2º conflito mundial.

O nazismo se infiltrava perigosamente nas áreas populares em que o comunismo atuava; este, já razoavelmente consolidado na União Soviética, precisava de um fato novo para se expandir mais vigorosamente. Nada melhor do que a Europa levada ao caos.

Vale lembrar que, em 1931, a Escola Lenine de Guerra Política proclamava: "O nosso êxito virá dentro de 20 ou 30 anos. Lançaremos então o mais espetacular movimento de paz que jamais existiu. Haverá facilidades surpreendentes e concessões inesperadas. Os países capitalistas, estúpidos e decadentes, irão cooperar prazerosamente para a sua própria ruína".

— Será que os fatos posteriores apenas representam mera coincidência?

Quando os alemães e seus aliados depuseram as armas, viu o mundo o quanto havia o comunismo se expandido durante os anos de guerra.

Sob o aspecto territorial, tinha a União Soviética recuperado praticamente, as mesmas fronteiras da Rússia Tzarista. E o comunismo se implantava na China, e naqueles países por onde tinham passado os exércitos vermelhos.

A União Soviética, tornara-se conhecida de todo o mundo, e prestigiada, quando não glorificada.

Tinha ela criado uma razoável "zona de segurança", um cinturão de Estados amigos e "independentes", o qual porém, face ao desenvolvimento das ciências e técnicas, muito em breve se mostraria ainda insuficiente para a sua proteção.

Mas, se a União Soviética se projetara, se saía da guerra como uma grande potência, temida e respeitada, também os Estados Unidos da América do Norte — o arsenal das democracias, o esteio da vitória contra o fascismo — alastrara pelo mundo a sua influência, e emergia dos anos de luta prestigiado e fortalecido. E êle, os EUA, a nação que melhor mostrava a assimilação dos princípios da revolução francesa, deixava bem claro sua aversão ao sistema soviético, e sua disposição em não permitir ao seu antigo aliado, continuasse a subjugar povos e impor-lhes a doutrina por que se regia.

4. A estratégia soviética

Os elementos até aqui alinhados, numa recordação de fatos, fenômenos e idéias, acreditamos possibilitem o estabelecimento, pelo menos nas suas grandes linhas, da estratégia da União Soviética para conquista do mundo.

Consideremos que após a 2ª grande guerra, defrontou-se a URSS com uma situação ímpar para a concretização dos seus intentos.

As condições dos países da Europa Ocidental eram propícias à disseminação das idéias comunistas, e aos golpes de minorias explorando dificuldades das massas.

Os EUA tal perceberam, e através do Plano Marshall promoveram a reabilitação econômica da Europa Ocidental, inclusive da Alemanha, como base para recuperação política, social e cultural das nações daquela área.

O Plano Marshall foi, sem dúvida, uma barreira às intenções imediatas de Moscou.

É ainda sob a égide dos Estados Unidos, que iria surgir a Organização do Tratado do Atlântico Norte, seguida pela OTASE e pelo Pacto de Bagdá, hoje CENTO, como uma barreira basicamente militar, a qual quer pretensão da União Soviética de se expandir pela força.

O primeiro esquema soviético de pós-guerra, para conquistar a Europa Ocidental, e mais se espalhar pelo mundo, tinha falhado. Natural portanto que as linhas da sua estratégia sofressem uma revisão. Tornou-se então mais aplicável a definição de estratégia criada por Lenine: "A mais perfeita estratégia de guerra é adiar as operações até que a desintegração moral do inimigo torne possível e fácil a aplicação do golpe mortal". Afinal, êles os soviéticos, de há muito tinham aceito a tese de que "a paz é a continuação da guerra". E Moscou compreendia que a União Soviética, como base da revolução mundial, não deve se arriscar temerariamente.

Dáí por diante, procurou a URSS evitar o engajamento direto, preferindo acionar seus aliados e simpatizantes, poupando inclusive seus recursos militares.

Por outro lado, tornou-se mais constante em todos os raciocínios, esquemas e planos soviéticos, a necessidade de destruição dos Estados Unidos da América do Norte.

O Embaixador Manoel Pio Corrêa Junior, em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra, em 1960, dizia que "o objetivo permanente do expansionismo soviético, pode ser definido em poucas palavras: é o isolamento diplomático, estratégico e econômico dos Estados Unidos".

Necessário tornou-se portanto a incompatibilização dos EUA com o resto do mundo, e a preparação psicológica do próprio povo soviético, e seus aliados, contra os norte-americanos.

Essa idéia está perfeitamente comprovada, em todos os movimentos de opinião e propaganda que têm sido lançados pela União Soviética, e pelos comunistas.

Como exemplo, tomemos o Programa do Partido Comunista da União Soviética, aprovado pelo 22º Congresso desse Partido, a 31 de outubro de 1961. Ele responsabiliza o capitalismo por todos os males da humanidade, afirma que o imperialismo é etapa superior do capitalismo, e diz: "O centro econômico, e com êle o centro político e militar do imperialismo, se deslocou da Europa para os Estados Unidos". Depois, há uma série infundável de acusações aos EUA, referências inúmeras ao "capitalismo monopolista norte-americano", aos "blocos militares agressivos criados pelos EUA" etc., e, dentre muitas outras, esta afirmação visando ainda aos EUA: "O baluarte principal do colonialismo contemporâneo é o imperialismo dos Estados Unidos".

Esses conceitos estão inseridos no mesmo documento que diz: "A coexistência pacífica dos Estados socialistas e capitalistas é uma necessidade objetiva do desenvolvimento da sociedade humana". Mas, é o próprio Programa em foco que mostra que a coexistência pacífica, tão falada por Krushev, não passa de propaganda para iludir o mundo, pois

todo êle é uma pregação em prol da destruição do capitalismo, para o que, convoca os povos à revolução e oferece o apoio da União Soviética.

A estratégia da URSS está em choque com a concepção da coexistência pacífica que prega. Nessa concepção, diz ela no Programa já citado: "A coexistência pacífica pressupõe: a renúncia à guerra como meio de resolver litígios entre os Estados e sua solução mediante negociações; igualdade, compreensão e confiança entre os Estados, na consideração de interesses mútuos; não ingerência em assuntos internos, reconhecimento a cada povo do direito de resolver independentemente tôdas as questões do seu país; rigoroso respeito à soberania e à integridade territorial de todos os países; desenvolvimento da colaboração econômica e cultural no mesmo nível de igualdade e proveito mútuo".

Se a propaganda tem sido a grande arma da estratégia comunista, outras ações têm sido pela União Soviética desenvolvidas e que têm provado ser de valor. Queremos nos referir àqueles processos de atração de nações para a órbita da União Soviética, com o afastamento conseqüente da esfera de influência norte-americana. Dentre êles vale dar ênfase às cooperações técnicas, econômicas e culturais, as quais possibilitam tôda sorte de infiltrações e interferências na vida das nações que as aceitam.

Por outro lado, a exploração do terror de uma nova guerra, agora com a ameaça das armas de destruição em massa, gerou em muitos povos a procura de uma posição equidistante entre os blocos que ameaçam se chocar.

É verdade que o aumento de nações realmente neutras poderia desestimular ambições guerreiras, mas não menos verdade é que às nações vinculadas a Moscou faltam possibilidades de enveredar por uma linha neutralista. Assim, a disseminação da idéia da neutralidade só tem contribuído para reduzir o número de nações aliadas ao Ocidente. Lógico é portanto que a União Soviética procure aumentar o número de membros da chamada "terceira força".

Merece um destaque a exploração de sentimentos de nacionalismo pela estratégia soviética. Essa tem sido uma das suas grandes armas, embora, sobre nacionalismo, encontremos os seguintes trechos no Programa do PCUS, objeto de citações anteriores: "A principal arma política e ideológica de que se valem a reação internacional e os restos das forças reacionárias internas para lutar contra a unidade dos países socialista, é o nacionalismo". "Os comunistas estimam, que seu dever primordial é educar os trabalhadores no espírito do internacionalismo e do patriotismo socialista, e da intransigência face a qualquer manifestação de nacionalismo e chauvinismo".

É evidente que essas idéias dizem respeito aos povos subjugados. Nêles o nacionalismo é um crime. Mas, o nacionalismo dos povos que

podem de qualquer modo ajudar o Ocidente, precisa ser exacerbado, tornado agressivo e hostil ao estrangeiro... do Ocidente. Como exemplo, disso, tomemos os seguintes trechos: "O movimento de libertação dos povos que acabam de despertar, é produzido, em muitos países, debaixo da bandeira do nacionalismo". "Os marxistas-leninistas distinguem o nacionalismo das nações oprimidas do nacionalismo das nações opressoras. O nacionalismo da nação oprimida possui um conteúdo democrático geral, voltado contra a opressão e os comunistas o apóiam, considerando-o historicamente justificado como uma etapa concreta".

O apoio de Moscou, ao nacionalismo dos povos não submetidos ainda ao seu domínio, está intimamente ligado ao problema dos recursos de que necessitam as Democracias, e que se acham espalhados em mãos de várias nações. Do 6º Congresso do Komintern, em 1928, saiu uma Diretriz, que ainda está em vigor, para os comunistas de todos os países. Essa diretriz bem esclarece a idéia. "Se queremos acelerar o fim do capitalismo, se queremos fazer aproximar, no tempo, esta última síntese, a vitória na luta final, notemos que a máquina capitalista não se nutre, apenas, no proletariado operário, mas também com matérias-primas. Ora, as matérias-primas estão espalhadas em todo o globo terrestre. Um levante geral dos povos, privará o Ocidente capitalista de matérias-primas e de mercados consumidores dos seus produtos, e levará os países burgueses ao caos econômico, e o operariado à revolução social".

Discutindo, como estamos fazendo, a estratégia soviética, sempre em termos sumários, parece oportuno agora a materialização, no espaço, das direções de atuação dessa estratégia, e dos seus objetivos intermediários.

"Nesse terreno, não há nenhum mistério nos propósitos comunistas. Os fatos são claros e evidentes, quando não, seria o bastante ler suas proclamações", diz o Professor Pacheco e Silva da Universidade de São Paulo. S.S., em trabalho que o nosso Mensário de Cultura Militar publicou — "A guerra subversiva em marcha" — apresenta uma concepção estratégica que Mao-Tse-Tung esboçou em 1953, a qual reza o seguinte: "Conquistar ou neutralizar primeiro a Ásia, o que nos dará acesso ao Oceano Índico e ao Mediterrâneo, depois a África, o que nos levará ao Atlântico e tornará a Europa e o Oeste indefensáveis. Em seguida liquidar totalmente a Europa, ou então visar a América do Sul. Uma vez esta dominada, a América do Norte estará à nossa mercê, e a chantagem nuclear será certamente suficiente para dominá-la.

O Programa do PC da União Soviética, a que temos nos referido, com insistência cita a Ásia, África e América Latina como "áreas que precisam ser libertadas para se desenvolverem e resolverem seus problemas". O mesmo Programa recomenda, que com os países desses continentes, "deve a URSS fortalecer suas relações de amizade fraternal, e estreita cooperação, em prol, inclusive, da consolidação da independência dos mesmos".

Tudo perfeitamente claro, a manobra estratégica é bem ampla e visa desorganizar o Ocidente, cortando-o de suas fontes de recursos e mercados.

A concepção de Mao-Tse-Tung é de 1953, o que parece explicar o "seja-seja" entre a Europa e a América Latina. O Programa do PCUS, de 1961, não dá ênfase à Europa. A razão está, e isso é importante, na observação de que parece estão falhando os planos comunistas para abater a Europa pelo processo econômico, através a liquidação das suas colônias. A velha Europa, está anulando o esquema comunista pela instituição do Mercado Comum. Não é sem razão que os comunistas tanto o combatem, e agora procuram o mesmo caminho com a criação do COMECON.

O Mercado Comum Europeu está atraindo os países africanos, absorvendo seus produtos básicos de forma que a União Soviética não tem conseguido. Ao mesmo tempo, a união econômica da Europa, facilita a enfrentar o comunismo pelos países que se juntaram. Ainda mais, o Mercado Comum Europeu parece dará margem à concretização do sonho de muitos, a unidade política da Europa, o que ainda melhor armará a Europa para fazer face à União Soviética. Afinal esta terá que fazer face a um todo, e não a cada uma das partes, de certo modo isoladas.

O Mercado Comum Europeu poderá causar prejuízos ao Brasil, se não agirmos com inteligência, em relação a êle e também à América Latina e à própria África. Mas, vale enaltecê-lo pela derrota que está infligindo aos comunistas.

O Mercado Comum deve, sem dúvida, ser o responsável pela revisão dos planos da União Soviética, que alteraram a prioridade da ação prevista para a América Latina. A URSS sente que o tempo já não é tão amigo, se é que não está passando a conspirar contra os seus propósitos.

Grandes oportunidades de comunizar países no Oriente-Médio foram perdidas, se bem que que algumas mais por questão de conveniência. Trata-se agora de, em jôgo de risco calculado, ameaçar diretamente, de perto, o arsenal do mundo livre, aumentando o calor da guerra-fria, ganhando posições à retaguarda da Europa e ficando em condições de neutralizar o Atlântico.

Daí o lance largo, o ativamento dos comunistas da América Latina, apesar das suas muitas provas de incapacidade e fraqueza.

Daí o porque de aceitar e apoiar cerrado a definição marxista de Cuba, uma vanguarda tão distante do grosso.

Agora é necessário, urgentemente, ter outras vanguardas na larga frente latino-americana, para forçar o inimigo a se cobrir em espaços amplos, disseminando fôrças. Melhor dizendo, trata-se de ampliar o es-

paço, a fim de mais desgastar aquelas forças, atenções e nervos que ora se voltam para Berlim, ora para o sudeste da Ásia, ora para o Caribe, ora para Formosa, ora para o Oriente-Médio, ora para a África, tudo de inesperado, sem dar possibilidades de previsões, e que só se torna possível para uma mentalidade agressiva, disposta a não perder a iniciativa, e que também conta com o recurso de 5ª colunas.

Acreditamos ter abordado, não só os aspectos principais, mas ainda caracterizado, no presente, o sentido da orientação da estratégia soviética para a conquista do mundo.

Resta-nos agora, uma referência, que julgamos necessária, embora em poucas palavras, à contribuição favorável que a estratégia soviética tem recebido dos próprios adversários do comunismo internacional.

Queremos nos referir aos erros que de qualquer sorte têm sido por esses cometido. Já não nos referimos, embora tenham sido desastrosos, àqueles cometidos durante a 2ª grande guerra, quando tantas concessões foram feitas à União Soviética, aos comunistas em geral, em prol da destruição do fascismo. Pensamos, devemos salientar, aqueles que, felizmente — anotamos com satisfação — estão se reduzindo, e que são produto de ambições, egoísmos, e insensibilidades ante justos anseios dos homens ou de povos. Não há porque ocultar verdades.

A obstinação de algumas nações do mundo ocidental, na conservação das suas colônias e dos privilégios que gozam em terras de outros povos, constituem causas de facilidades para a pregação do comunismo ou inclinações para a órbita soviética.

5. Palavras finais

A revolução russa de 1917 representa, realmente, um marco na história da humanidade.

As suas conseqüências vêm aos poucos mostrando aos homens o que os seus erros podem lhes acarretar. Por isso procuram eles agora, dentro do sistema democrático — o que é necessário e possível — ir ao encontro das suas próprias aspirações realizando-os.

Essa compreensão, embora com grande atraso, vem aos poucos corrigindo erros, e reduzindo a aceleração de que o comunismo ficou dotado, em todo o mundo, após a 2ª guerra mundial.

A União Soviética isso tem percebido; não escapa aos seus dirigentes a perda de substância de que está ameaçada a grande arma que têm em mãos, para a realização das suas aspirações de domínio do mundo.

Por outro lado já sentimos, que a grande característica com que o comunismo vinha se apresentando, a sua unidade monolítica, começa a dar sinais de enfraquecimento. Já tivemos, há tempos, o impasse de Moscou com a Iugoslávia; recentemente vimos seu rompimento com a

pequenina Albânia. E temos a China, dispensando a proteção do Kremlin, buscando criar pela sua própria ação a sua "zona de segurança", discordando da interpretação soviética de pontos da doutrina marxista-leninista, e revelando um incontido desejo de comandar a revolução mundial do proletariado, disputando à União Soviética a posição por ela almejada de hegemonia sobre o mundo.

Tudo isso nos parece sintomático. Consideramos mais que a cooperação soviética com outros países não tem produzido, para esses, os resultados que esperavam conseguir em curto prazo. Certo isso pode ser explicado, tendo-se em conta as condições desses países e as características das suas gentes. Mas certo é também que em muitos deles existem sintomas de impaciência e certo desencanto com as promessas soviéticas.

O resultado da concorrência desses fatores, é a necessidade que se apresenta para a União Soviética de acelerar a execução da sua estratégia. Essa aceleração pressupõe a intensificação das ações dos comunistas locais, agora com mais apoio de Moscou.

Devemos pois estar atentos, para nos opormos à ação imperialista da União Soviética, que em nosso país está sendo intensificada, já que é o Brasil um dos grandes objetivos para ela, pelo que representa na América Latina.

NORMAS SOBRE COLABORAÇÕES

- 1) Os trabalhos devem ser datilografados em um só lado de papel, espaço duplo, e assinados.
- 2) Os gráficos, croquis e outros desenhos que devam acompanhar o texto devem ser feitos a tinta nanquim e conter indicações que os identifiquem com aquêle.
- 3) As traduções e quaisquer trabalhos baseados em outras publicações devem indicar as fontes de onde foram extraídos, bem como, quando fôr o caso, declaração de estar o colaborador autorizado ao aproveitamento dos mesmos.
- 4) A Revista não restitui originais de colaborações enviadas, quer sejam elas aproveitadas para publicação ou não. Também se exime de qualquer justificação sobre o seu não aproveitamento.
- 5) Os artigos a serem publicados por partes, em diferentes números da Revista, só terão suas publicações iniciadas depois de estarem completos em poder da Redação.
- 8) As colaborações devem ser enviadas ao Diretor-Secretário.